

Na Academia Paulista de Letras

Paulo Bomfim

Disponível em: <http://www.academiapaulistadeletras.org.br/>



Academia Paulista de Letras

No dia em que celebro com meus pares “bodas de ouro” com nosso lar intelectual, evocando Ibrahim Nobre, que aqui me recebeu, gostaria de lembrar neste 23 de maio o espírito ecumênico que torna um arquipélago de quarenta solidões um continente de fraternidade.

A Academia Paulista de Letras nasceu ecumênica.

Entre seus fundadores, encontramos J. J. de Carvalho, Luiz Pereira Barreto, Alberto Seabra, Estevam de Almeida, Gama Cerqueira, Rubião Meira e Adolfo Pinto, naturais do Rio de Janeiro; Gomes Cardim e Carlos Ferreira, gaúchos; o catarinense Monsenhor Manfredo Leite; os mineiros Prisciliana Duarte de Almeida, Silvio de Almeida, Eduardo Guimarães, Basílio de Magalhães e Raul Soares de Moura; e o sergipano João Vampre.

Em seguida, continuando e enriquecendo a casa, foram chegando outros brasileiros oriundos de vários Estados: o cearense Raimundo de Menezes; os paraenses Carlos Alberto Nunes e Afrânio do Amaral; o sergipano Cleomenes

Campos; o pernambucano José Tavares de Miranda; os mineiros Aureliano Leite, Fábio Lucas e Dom Fernando Figueiredo; o alagoano Ricardo Ramos; os baianos Otacílio Lopes e Fernando Goes; os paraenses Hernani Silva Bruno e Eurico Branco Ribeiro.

Do Rio de Janeiro, vêm a nós Washington Luiz, José Geraldo Vieira, Lycurgo de Castro Santos Filho, Osmar Pimentel e Luiz Martins. Os gaúchos Freitas Valle e Eros Grau, o português Domingos Carvalho da Silva e o alemão Erwin Theodor Rosenthal encerram esta lista dos que vieram de longe para enriquecer a Academia.

Mas o ecumenismo não se encontra somente na terra natal de alguns de nossos confrades.

No terreno das ideias, da política e da religião, deparamos com o mesmo sentido fraternal: o presidente Altino Arantes, prócer perrepista, o integralista Plínio Salgado, o comunista Afonso Schmidt, o georgista Rubens do Amaral, o socialista Sérgio Milliet, o nacionalista Monteiro Lobato, o separatista Alfredo Ellis Júnior, o monarquista Ataliba Nogueira, Franco da Rocha e o pansexualismo, o positivista Pereira Barreto, o democrata Julio de Mesquita Filho, o protestante Othoniel Motta, o jesuíta Hélio Abranches Viotti, o espírito Eurico Branco Ribeiro, o judeu José Mindelin, os rebeldes da Semana de Arte Moderna e os revolucionários de 32.

Todos fazem parte desta centenária democracia acadêmica, com a qual comemoro, neste 23 de maio tão cheio de significados, meio século de amor à Academia Paulista de Letras.

Paulo Bomfim
Poeta

Café com presidente(s)

Arary da Cruz Tiriba



Uma das poucas fotos de Roosevelt na cadeira de rodas

Coffee break do **VI Simpósio Brasileiro de Síndrome Pós-Poliomielite**, maio de 2013, Teatro Marcos Lindenberg, UNIFESP.

Um palestrante acabara de discorrer sobre Franklin Delano Roosevelt (FDR), alvo mais famoso da poliomielite nos tempos modernos. De costas para o casal de participantes, repeti o cafezinho para acompanhar, sem chamar a atenção, o comentário sobre FDR e Getúlio Dorneles Vargas (GV); o conhecimento do locutor excedia o do expositor anunciado para o assunto.

— “Siglas só se aplicam a presidentes exponenciais” — era o que falava.

E continuou:

— Em agosto de 1921, FDR, aos seus 39 anos, elegera para as férias a ilha de Campobello, no Canadá. [Campobello é nome de provável origem lusitana]. Correrá quilômetros e megulhara nas águas geladas da baía de Fundy. Canseira e coluna vertebral dolorida (à noite), atribuiu-as ao lumbago. Pernas enfraqueceram e paralisaram. Para o médico de

família local, um “resfriado comum”. Renomado clínico, Dr. Keen, de passagem pelo local, igualmente em férias, postulou: coágulo de sangue na medula lombar! Recomendação de massagens terapêuticas para ativar a circulação... Só após duas semanas de sondagens da bexiga e de enemas (praticados por D. Eleanor e pelo amigo mais chegado), Robert Lovett, especialista de Boston, afirmou de imediato: Doença de Heine Medin. Fatura: 600 dólares; assustadora para a época!

Em prosseguimento... O historiador? O articulista político? Quem seria?

— Roosevelt e Vargas, ambos formados em Direito, trocaram figurinhas. Às suas mãos, instrumentos diferentes; singularmente, propósitos comuns. Invertidos os padrões das fantasias nacionais! O americano do Norte desprezando o figurino xerife, trajes civis, galgara o poder pela dialética. O americano do Sul – anos 30, uniforme de campanha –, fixou-se (adesividade), segundo esquema misto de provisório com permanente, por eleição... voto

pessoal, único, irrecorrível! FDR conseguiu “participação” de Sul e Norte. GV, quase o mesmo, “partição”, rachadura no tronco frondoso. Um e outro enfrentaram crise econômica mundial; criaram dispositivos sociais, algo semelhantes; lá em cima, a proposta “new deal”; cá em baixo, a política trabalhista...

E acrescentou:

— A despeito das dificuldades de locomoção (FDR evitava a exposição pública na cadeira de rodas), da extensão de sua paralisia, mantida fora do alcance dos olhares (somente após sua morte, tornar-se-ia a principal parte de sua imagem), determinadamente se deslocou até o Brasil para (abre aspas) convencer (fecha aspas) GV à mudança de rumos. “Sorrisos” de parte a parte, GV fez as concessões “espontâneas” ao colega estadista incapaz de dar um passo à frente pelos próprios meios; cedeu bases (Fernando de Noronha, Parnamirim...), trampolins das tropas americanas para o Norte da África.

O narrador rememorou:

— Episódios... da guinada do Brasil para a entrada na 2ª Guerra Mundial. Incapaz para a marcha, pessoal? FDR? **Ordinário, marche!** Ordenara... o militar!

Empolgado, prosseguiu:

— Notaram o vigor de FDR? A pólio não derrotara aquele paraplégico, por 4 vezes sucessivas presidente dos “states”! Morreu na 4ª legislatura, antes do término da 2ª Guerra Mundial. E deixou a questão em aberto! Segundo intrigas (literárias e de Estado), teria tido conhecimento prévio do ataque do Japão a Pearl Harbor, mas... na moita... para inflamar a população do país a entrar na guerra. GV, a seu modo, distendeu o mandato, 15 anos! Tiro no peito, seu fim. Suicídio! Pelo menos, o que a história “enrola”, perdão, quis dizer o que a história “arrola”.

Loquaz, pretendia continuar... Pena! Ouvido com atenção, papo interrompido para retomada do conclave.

Neurologistas, psicólogos, psiquiatras, fisioterapeutas, sanitaristas, de São Paulo, Curitiba e Brasília, retomaram seus assentos. Adultos (quantos!), sobreviventes da “infantil”, empenhados no encontro de soluções para minorar-lhes o sofrimento físico e para derrubar o muro social e profissional erguido para segregá-los, rodaram cadeiras, preencheram o auditório!

Veza da dama (a Dra. Eliana Correia de Aquino, bacharel em Direito, Presidente de Honra), também vítima, expoen-

te em ministério planaltino, discorrer sobre as medidas para enfrentamento da situação. Depoimento candente.

A O.M.S. previra a extinção da varíola, efetivamente alcançada em 1997. [A menos que algum insano reinventasse-a via bioterrorismo]. A Instituição chegou a prever a erradicação da pólio para o ano 2000. Aconteceu? Igual à varíola? Não.

A comunidade ainda não se livrou do mal avoengo, razão do **VI Simpósio** com o foco **Desafios e Esperanças**.

Graças às informações de imagem médica, anatomia patológica e biologia molecular, sabe-se que egípcios, 2.000 anos antes de Cristo, identificavam a poliomielite; hoje, com vacinas disponíveis, ultrapassada? Assombração do passado?

Pólio, parálitica, consecutiva à vacina oral, constitui reação adversa. A reversão é desejável em quase todos os receptores, porém sem efeito deletério. Infelizmente, em raros casos, a doença parálitica se renova, indistinguível da do vírus selvagem. O mecanismo é suposto à mutação, à reversibilidade ao neurotropismo predominante. Por extensão, indivíduos suscetíveis, em contato estreito com os receptores de vacina oral, estão sujeitos a adquirir, igualmente, paralisia.

Observada em pessoas de 18 anos ou mais, a paralisia resultante pode tornar-se permanente. Mais suscetíveis, crianças portadoras de imunodeficiências, a exemplo daquelas que apresentem *agama* ou *hipogamaglobulinemia*.

Nobre o trabalho da equipe da UNIFESP, coordenada pelo Professor Doutor Acary Souza Bulle Oliveira, para orientação, assistência e reabilitação das vítimas da pólio. Embrião para o Centro de Reabilitação, modelo *Warm Spring*, Geórgia, EUA, criado por Roosevelt em 1927.

Afinal, no *coffee break*, quem seria o desconhecido dos comentários paralelos, sobre um e outro presidente? Ora, algum *sabe-tudo...*, desses que não faltam às ocasiões! Não presidiu sessão, mas... **café com presidente(s)**.

Arary da Cruz Tiriba

*Professor Titular, aposentado, da UNIFESP,
em atuação voluntária*

Caderno de Anotações

História da Alimentação

José Carlos Barbuio

Comida na Roma Antiga

A base da mesa romana eram os cereais, as leguminosas, o vinho, a azeitona e o óleo. Contudo, o principal alimento dos pobres era o *pulmentum*, preparação precursora da *polenta*, feita ao longo dos tempos com diferentes cereais e, às vezes, com farinha de grão-de-bico. Até os primeiros tempos da Era Cristã, o pão era muito caro. O ovo era alimento corrente. O que chamamos hoje omelete era preparado com mel – *ova mellita* – e servido sempre como sobremesa. Havia farturas de frutas. Tinham sido trazidos abricós da Armênia, pêssegos da Pérsia e melões da África. A cerveja era a bebida mais popular. Foi das mais antigas bebidas fermentadas, feita ao longo dos tempos de misturas variadas. Os romanos faziam cerveja com cevada. Mais tarde, outros cereais entrariam na sua preparação. Somente no final da Idade Média o lúpulo foi adicionado.

Comida Árabe

A culinária árabe marcou muito algumas cozinhas regionais espanholas. Em várias regiões, mistura-se doce com salgado, confeitam-se frutas, elaboram-se *turrões* (torrones) e *mazapanes* (marzipã) e aromatizam-se os alimentos com açafraão, água de rosas, anis, canela e diferentes ervas e especiarias. E mesmo os churros são considerados produtos da influência árabe. No Oriente Médio, sempre se prezou a tâmara e outras frutas secas, os iogurtes, os sorvetes e o melão. Preparavam-se geleias de pétalas de rosa, laranja, cidra, ameixa, e já se faziam *nougat* e massa folhada. O Oriente Médio produzia o único açúcar que se encontrava na Europa. Seu nome árabe, *sukkar*, passou para quase todas as línguas europeias. Até o século XVI, o açúcar foi usado principalmente como remédio e vendido por boticários, que o recomendavam para o tratamento de dores de cabeça, febres, epilepsia e melancolia. Do Oriente Médio também veio a bebida destilada.

Comida da China e do Japão

A cozinha chinesa foi marcada *pela carência de um elemento essencial: a lenha*. Por isso, as preparações são feitas com fogo alto, de modo a requerer pouco tempo de cozimento. *Saké*, vinho de arroz, é a principal bebida alcoólica. A palavra *saké* é abreviação de *sakae*, que significa *prosperidade*. O número de *steak-houses*, o sucesso dos restaurantes especializados em *teppanyaki* e o desenvolvimento de técnicas sofisticadas atestam profundas transformações na dieta do Japão industrializado e afluente. Os restaurantes que servem *teppanyaki* – carne e legumes grelhados sobre chapa metálica (*teppan*) – foram concebidos *para estrangeiros*. Entretanto, são cada dia mais frequentados pelos próprios japoneses. Vários rituais requerem a presença de *saké*. Deve ser servido em pequenos copos de porcelana e bebido *morno*, a cerca de 50°C. A temperatura reduz seu teor alcoólico, que é de 14 a 18%. Num jantar japonês, os convivas não *se* servem de *saké*. Servem-se uns aos outros, *jamais a si mesmos*. Ao ser servida, uma pessoa não deve deixar seu copo sobre a mesa, e sim levantá-lo em direção à garrafa. Com esse gesto, demonstra ter percebido a deferência de que foi objeto.

O Macarrão e os Italianos

A afirmação de que os italianos só teriam começado a preparar pasta depois que Marco Pólo voltou do Oriente *carece absolutamente de fundamento*. Muito antes, ela já fazia parte dos hábitos alimentares de vários povos. Há, esculpido em túmulos *etruscos*, utensílios para a confecção de *pasta*. Também existe a hipótese de que os árabes a tenham introduzido na *Sicília*, depois de terem aprendido a prepará-la com as caravanas persas que chegavam até a China. Os italianos foram os grandes inovadores em pastelaria e na preparação de geleias, compotas e doces de frutas. *Graças em grande parte à influência árabe*: na Península Itálica, a pastelaria, a confeitaria e os sorvetes são de qualidade incomparável.

Talheres

Conta-se que o cardeal francês *richelieu*, num jantar que ofereceu ao chanceler *Séguier*, chocado ao ver seu convidado usar a faca como palito, mandou arredondar a ponta de todas as facas da casa. Desde então, a forma arredondada para a ponta das lâminas das facas tenderia a ser universalmente adotada. Na França e na Inglaterra, o uso do garfo, *divulgado na Itália pelos venezianos*, só se generalizou no século XVIII. Contudo, mesmo na Itália, raras vezes o vemos nos banquetes que aparecem nas pinturas dos grandes mestres. Tudo indica que o uso do garfo *foi adotado em Veneza no século XI*, quando a princesa Teodora, filha do imperador bizantino Constantino, casou-se. A jovem causaria espanto em Veneza por não tocar os alimentos com os dedos: usava garfo. São Pedro Damiano chegou a levar o assunto ao púlpito, pois considerava coisa demoníaca o insólito instrumento. Inicialmente, o garfo tinha dois dentes e era utilizado só para espetar. Sua forma e sua função se transformaram de acordo com as maneiras em voga. No século XVIII, usava-se mais o de três dentes. Por muito tempo, entretanto, o garfo foi visto somente nas cortes. Com a generalização do seu uso, passou-se a comer mais de acordo com a ideia de elegância à mesa, da qual os italianos foram os *irrefutáveis* precursores.

Maionese

No século XVIII, surgiu um molho inteiramente novo: a maionese. Sua criação é atribuída ao duque de Richelieu, que, depois de conquistar Mahon, na Ilha de Minorca (Espanha), em 1756, teria dado o nome *mahonnaise* ao molho de sua invenção. Mas, segundo outros estudiosos, Richelieu teria simplesmente trazido de Mahon a receita do molho que lá provara.

Restaurante

O termo *restaurant* consta ter sido criado em 1765 por Boulanger, proprietário de uma estalagem na atual rua do Louvre, em Paris. Boulanger servia sopas quentes anunciadas como *restaurativas*. Acrescentava com humor, ao lado do anúncio de seus *bouillons restaurants*: “Venite ad me omnes qui stomacho laboratis et ego restaurabo vos” (venham a mim todos cujos estômagos reclamam e eu vos restaurarei).

(Fontes consultadas: “Larousse Gastronomique” e o livro “De Caçador a Gourmet”, de Ariovaldo Franco).

Dia dos Namorados

Ives Gandra da Silva Martins

O tempo já se foi das maresias
E dos mares repletos de sargaços,
As noites se faziam luzidias
E as estrelas formavam seus espaços.

Os sonhos desvendavam alegrias
Que arrastavam-se ao toque de seus passos
E os caminhos austrais, por suas vias,
Descortinavam sombras e cansaços.

O tempo mostra agora sons escassos
E reduzido fica pelos dias
Os versos tornam seus desejos lassos

Já não tendo nos temas os seus guias.
Felizmente, descubro, nos meus Paços,
O teu sorriso em minhas fantasias.

12/06/2013

Rua da Boa Morte

Nelson Di Francesco



Rua da Boa Morte (próximo à Igreja, em direção à Várzea do Carmo), por Militão Augusto de Azevedo, 1870

Antigamente Rua da Boa Morte, hoje denominada Rua do Carmo; uma rua pequena, com pouco mais de 200 metros, situada entre as igrejas de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Boa Morte, no Centro da cidade de São Paulo.

Foi cenário importante, ainda no século XIX, por se tratar de ponto estratégico como via de acesso aos viajantes que chegavam à cidade, vindos de Santos pela estrada do Ipiranga ou mesmo do Rio de Janeiro, pois podiam ser avistados do alto da torre da Igreja, cujo sino dava o alerta, que era repetido pelas outras igrejas.

A realização das procissões religiosas também sempre marcou aquela via, além de se tratar de um espaço onde muitos empregados públicos residiram (funcionários da Tesouraria da Fazenda, do Tesouro Provincial, juizes, militares, religiosos, entre outros).

Boa parte de meus antepassados maternos fizeram parte dessa equipe: bisavós, avó, tios-bisavós, enfim a família

Alvarenga, morando durante décadas nos números 6 e 19 da rua. O casarão construído e ainda existente na esquina da Rua do Carmo com a Travessa das Flores, abrigando atualmente a FAZESP, Escola Fazendária do Estado de São Paulo, foi outrora construído sobre o terreno de várias antigas residências, incluindo a de número 6, onde uma parte daqueles antepassados residiu, por volta de 1878.

Personagens do cotidiano que “desfilaram” por lá, hoje fazem parte do folclore.

“Nhéco-Nhenbeco – Era um preto velho, de 80 anos, forro, inválido, motivo por que recebia muitas esmolas de 2 ou 4 vinténs. A criançada gostava dele e não o largava, fazendo todos boa camaradagem. Andava pelas ruas com duas colberes de estanho, castanholando num prato de folha, como se estivesse tocando pandeiro. Repinicava com tal habilidade que se notabilizou por isso. Sentava-se na soleira da porta de uma casa de família e

iniciava o seu tamborilar no prato. Uma escrava abria a porta e avisava a sua sinhá-dona.

— Nhanhã, estou aqui — dizia ele da porta, e lá vinha a refeição para o Nheco-Nhenbeco. Era frequentador assíduo da casa dos Alvarengas, na Rua da Boa Morte, e dos Santa Bárbara, em frente ao Convento de Santa Teresa, e parava para matar o bicho no boteco do José Frango Assado, um português que tinha venda na travessa da Sé, em frente à casa da progenitora do Dr. Clementino” (cf. Afonso Antonio de Freitas, *in Tradições e reminiscências paulistanas*, 1978).

A própria Igreja da Boa Morte foi palco de muitos acontecimentos.

“...Existindo, desde os primórdios da colonização portuguesa (no cotidiano místico das cidades), as irmandades religiosas atuantes e ordens terceiras de caráter leigo, e que curiosamente persistem até hoje no cenário brasileiro” (cf. Caio Cesar Boschi. *Os leigos e o poder*, 1986), foram as responsáveis pela união de parte da população, marcadamente masculina, objetivando a construção de templos religiosos e a realização de seus preceitos.

Assim, a Irmandade dos Homens Pardos de Nossa Senhora da Boa Morte adquiriu, no ano de 1802 e pela quantia de 112 mil réis, de Joaquim de Sousa Ferreira, o “...terreno situado na esquina da rua que vinha do Quartel de Voluntários Reais, quando esta encontra com a Rua Tabatinguera...”, nos dizeres do historiador Paulo Cursino de Moura, para ser construída a igreja, com a primeira missa realizada em 25 de agosto de 1810.

A obra inicial era de taipa de pilão, localizada no centro do antigo lote, contando apenas com nave e pequena capela-mor. Mais tarde, recebeu um novo altar (1821), altar da sacristia e gradil do coro (1822), chegando em 1825 a ter ampliações feitas em taipa e adobe. As feições de sua fachada atual começaram a ser erguidas na década de 1860.

No final do século XIX, a igreja ainda estava em processo de evolução em busca de seu ideal barroco. A falta de recursos foi a responsável pela lenta conclusão do templo, que sempre fez parte do itinerário dos condenados à forca (a maioria escravos) que, na esperança de terem um destino tão bom quanto o da Virgem Maria, passavam por ali, fazendo suas últimas orações, antes de seguirem para o Largo da Forca, na vizinha região da Liberdade.

A descrição que dela fez Alfredo Moreira Pinto, em seu livro *A cidade de São Paulo em 1900*, oferece uma ideia do templo: “...Tem cinco janelas de frente, a torre à direita, a porta

principal e duas laterais. O seu interior não tem ornamentação digna de menção. Possui a capela-mor com seis tribunas, e um altar com a Senhora da Boa Morte. No corpo da igreja há seis tribunas, dois púlpitos e dois altares, da Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Conceição”.

Minha bisavó materna, Josepha Maria de Figueiredo (casada com Joaquim Marcelino de Alvarenga em 02/05/1871), deixou histórias interessantes envolvendo aquela tradicional via, uma delas a respeito da igreja, que aconteceu mais ou menos assim: ela rezava na igreja da Boa Morte e resolveu acender uma vela pela alma de Francisco José das Chagas, conhecido como “Chaguinhas” (enforcado em 20 de setembro de 1821 – injustamente, segundo muitos historiadores). Repentinamente, um vento apagou as velas acesas, e ela ficou sem poder acender a sua. Não havia mais ninguém na igreja. Lamentou o ocorrido; e pediu com tanto fervor que viu num cantinho uma pequena chama brotando do chão, quando então acendeu sua vela e foi embora...

Talvez um caso de pirogênese (emissão involuntária de raios de telergia, que, direcionada a um objeto, pode ocasionar-lhe uma autocombustão)?

A Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte foi reaberta oficialmente no dia 11 de julho de 2009, após cuidadoso restauro, que durou cerca de três anos, merecendo uma visita: mais do que um passeio, uma quase “viagem” à época da imperial cidade de São Paulo.

O tempo lentamente fluiu. Deslizou por muitas décadas... Alguns casarões centenários, descaracterizados e ruinosos, ainda teimam em permanecer por lá, transfigurando a agitada paisagem diária, norteadas pelo posto do POUPEMPO.

A rua paralela se chama hoje Silveira Martins, outrora denominada Rua das Flores, especializada agora na venda de essências aromáticas. Se eu passar por aquela região, por volta das 9h30 da manhã, não sentirei o aroma das essências, muito menos de flores; talvez sim, um cheiro gostoso de feijão e toucinho, provavelmente vindo da casa da minha bisavó Josepha... Será?

Sobre o “politicamente correto”

Paulo Nathanael Pereira de Souza

O “politicamente correto” está na moda. E, sem embargo do nome, pouco tem a ver com a militância política propriamente dita deste ou daquele cidadão, visto que diz respeito especificamente ao uso da língua, o qual deverá ser o mais inosso e neutro possível. Tudo para evitar discriminações capazes de dividir os seres humanos, poupando-os, assim, do risco de que venham a insultar ou a ser insultados, na dialogação entre diferentes grupos sociais.

O que está em jogo nesse tipo de preocupação é a linguagem, e não o partido político. Por exemplo: em vez de dizer que alguém é preto ou negro, melhor adjetivá-lo como afro; e ao dizer que fulano ou sicrano foi judiado, melhor será registrar que foi maltratado. De tal forma isso está se disseminando que, cada vez mais, o “politicamente correto” da linguagem se vai identificando com a prática tortuosa de uma autocensura ou, quando não, de um sufocante patrulhamento cultural, com claros reflexos na liberdade de criar nas áreas, as mais diversas, do pensamento e da arte.

Preocupado com o tema, fui acessá-lo, por curiosidade, na Wikipédia, que assim o conceitua: “O termo é entendido pelos acadêmicos como um instrumento retórico de grupos conservadores que procuram deslegitimar críticas a algumas posturas discriminatórias, além de uma forma de justificar a apresentação de narrativas políticas polêmicas e não consensuais do ponto de vista científico”.

O que se depreende dessa conotação da expressão é o seguinte: a) o “politicamente correto” é próprio da linguagem dos progressistas e impróprio da dos conservadores; b) o que se deve buscar sempre é o consenso, por meio de linguagens que unam e não dividam as opiniões, a saber, uma construção artificial de consensos ou unanimidades, que, como achava Nelson Rodrigues, são sinônimos de burrice!

Outra surpresa que me trouxe a Wikipédia foi o fato de localizar historicamente a origem do “politicamente corre-

to” na religião, mormente na católica, que instituiu, séculos atrás, no movimento da contrarreforma, o “Index Librorum Prohibitorum”, a lista maldita das obras que contivessem desvios na ortodoxia ultramontana. Apenas com uma sutil diferença entre o antigo “Index” e o moderno “politicamente correto”: “no caso católico, incorreção política significa estar em desacordo com as ideias políticas da Igreja Católica, já no presente caso, ‘politicamente incorreta’ é aquilo que gera exclusão. O primeiro representa uma ideia de sociedade fechada; o segundo, uma ideia de sociedade aberta”. Tudo isso me parece um tanto quanto simplificador e forçado, além de traduzir, de forma bisonha e perigosa, dada a sua crescente popularidade, um invólucro modernoso das divergências eternas entre o formal bem-comportado e o informal amolecado das posições políticas e lexicológicas, que sempre dividiram, e continuarão a dividir, os seres humanos em sua história.

Seria, aliás, interessante que os autores do verbete da Wikipédia levassem em conta, na formulação de seus pontos de vista, as contribuições de duas fontes importantes do “politicamente correto”, a saber:

1. o “duplipensar”, constante do “1984”, de George Orwell, e que parece ter atualmente tomado conta da cultura universal;
2. o personagem de Eça de Queiroz (“O primo Basílio” e os “Maias”), o Conselheiro Acácio, protótipo de conservador e de besta quadrada, que só abria a boca para praticar a sua versão particular do “politicamente correto”, isto é, o que falar e como fazê-lo para não incomodar o interlocutor.

Paulo Nathanael Pereira de Souza

Educador e Membro da Academia Paulista de Letras

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.